

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Dizer que Fão é uma terra vocacionada para o turismo é uma verdade lapalisseana que não sofre qualquer contestação.

Só que uma região potencialmente turística, para que exista como tal, tem de ser devidamente explorada e Fão, toda a riqueza que Fão encerra, não foi ainda descoberta.

Os três magníficos hotéis que em épocas anteriores se edificaram em Ofir tiveram como principal objectivo recepcionar os turistas estrangeiros, nomeadamente os de loira Albion, que no após guerra

EDITORIAL

foram os primeiros a descobrir Portugal. No entanto o êxodo de estrangeiros sobre Portugal não se processou com a fluidez almejada, acusando recuos e avanços arrítmicos e daí as situações de crise por que tem passado aquelas unidades hoteleiras com todo o cortejo de vicissitudes que muitos conhecem.

Pensamos por isso que outras vias turísticas deveriam ser tentadas, ou seja, que outros circuitos com outras gentes e outros tempos poderiam ser programados de modo a não fazer depender a rentabilidade dos hotéis de Ofir exclusivamente da clientela de fora partes. Assim interrogámo-nos por que não têm sido aproveitadas para a prática do desporto, com estágio e concentração de atletas, as excepcionais condições que Fão apresenta? Temos um campo de futebol que poderia ser arrelvado e terreno circundante que dava e sobejava para pistas de atletismo; temos árvores e iodo suficientes para circuitos de manutenção com especificidades diferenciadas consoante elas preferenciassem o mar, o rio ou o pinhal. Disponemos em suma de magníficos locais de treino e de repouso com a necessária cobertura hoteleira.

Que nos falta afinal?

Que exista uma vontade colectiva para que isso aconteça.

Os hotéis devem imaginar modos possíveis de rentabilizar o seu negócio, não reduzindo o pessoal, não limitando e parcelando a sua acção, mas concebendo novos modos de

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

ANTÓNIO LEITE RIBEIRO

Quem será este fulano, perguntarão naturalmente os leitores? Pois trata-se de um fangeiro de gema, nascido na nossa terra há precisamente 200 anos.

Foi o saudoso escritor Manuel Boaventura quem «esbarrou» com este nome ao receber há anos o 3.º Boletim do Livro Alfarrabista Rosenthal, da R. do Alecrim, em Lisboa que na página 9 inseria a seguinte informação bibliográfica: «Leite Ribeiro, António: Theoria do Discurso. Aplicada à Língua Portuguesa; em que se mostra a estreita relação e mutua dependência das quatro Ciências intellectuais, a saber: Ideologia — Grammatica — Logica — Rhetorica. Offerecida A Sua Alteza O Serenissimo Senhor Dom Pedro d'Alcantara Principe Real, Brazil e Algarves Por... Professor de Philosophia Racional e Moral de Historia Uniuersel, e de Geographia do Real Collegio Militar. Anno de 1818, in 4.º de II — 179 folhas. Enc. moderna de meia carn. E o

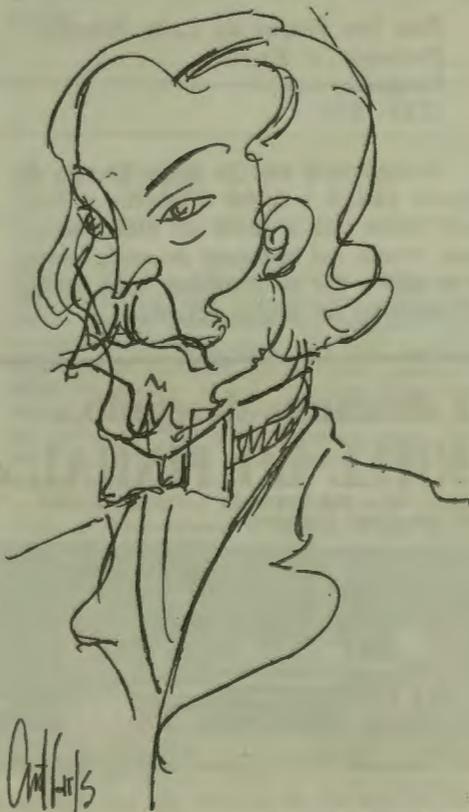
autographo c/ algumas emendas e rasuras, tendo na folha 174, v, a seguinte nota «Optimo livro, pode imprimir-se. Lx.º 11 d'Agosto de 1818, (ass.) — Tavares». Todas as pag. trazem um carimbo c/ as armas reaes e as letras I (impressão) R (égia). A 1.ª ed. desta obra, segundo Inocêncio, Vol. I, pag. 184, sahio em 1819 e a 2.ª em 1836. O auctor era natural de Fão onde nasceu em 1785 e morreu em 1829, em Lisboa. Ex. Único e em bellissimo estado de conservação».

Por sua vez o famoso bibliófico Inocêncio Francisco da Silva, igualmente citado por Manuel Boaventura, no seu famoso «Dicionário Bibliográfico Português», Tomo I, pag. 184, refere-se assim a este conterrâneo: António Leite Ribeiro, Professor do Real Colégio Militar.

N. no logar de Fão, termo de Barcellos, em 1785 e m. no sítio da Luz a 24 de Agosto de 1829 — (portanto com 34 anos) — E(screveu):

«Theoria do Discurso», applicada à língua portugueza, em que se mostra a estricta relação e mútua dependência das quatro ciencias intellectuais, a saber: Ideologia, Grammatica, Logica e Rhetorica, Lisboa, 1819, 8.º — Ibi, na Imp. Nac. 1836, — 8.º de XX — 274 pag. (Esta é a bela obra que traz no anterosto: Elementos de Bellas Artes para uso da Mocidade portugueza).

(Continua na pág. 2)



(Desenho de António Carlos)

1.º Aniversário de O Novo Fangeiro

É verdade leitores. No próximo mês, 10 de Maio, vamos comemorar o 1.º Aniversário. Já passou um ano.

Convidamos quem quer que seja a enviar-nos colaboração especial para esse número.

Igualmente fazemos um apelo a todos quantos não liquidaram a assinatura do nosso jornal. A importância é mínima e nós sabemos que só o esquecimento tem impedido de satisfazer essa clausulazinha. Só que o esquecimento de duzentas pessoas traz-nos compreensíveis problemas.

António Leite Ribeiro

(Continuado da pág. 1)

Ainda que não apresente ideias novas, todavia tem o mérito de conter em poucas paginas as doutrinas mais importantes dos ideologistas do principio deste seculo, e principalmente as de Des-terrt de Tracy, que o auctor mostra haver bem estudado, o que anuncia com clareza e methodo.

«Oração de Sapiencia» na abertura do Real Collegio Militar. Lisboa, na Imp. Reg. 1820, 4.º de 22 pag.

«Compendio da Historia Universal», composto para uso do Real Collegio Militar, Tomo I. Ibi, na mesma Imp. 1823, 4.º de XVI — 330 pag. Os tomos e marinheiros e não um povoado de

seguintes não chegaram a publicar-se, e até ignoro se o autor os escreveu.

«Resumo Cronológico», para uso dos alumnos do Real Collegio Militar. Ibi, na mesma Imp. 1825, 4.º de 25 pag.».

Destas nótulas se infere que Leite Ribeiro foi um professor credenciado no Real Colégio Militar. Esta nossa dedução assenta no facto de ele ser o autor (coisa rara naquela época) de um compêndio de História adoptado no colégio e ainda por ter sido convidado para proferir a Oração de Sapiência na abertura daquele prestigiado estabelecimento de ensino.

Fão constituiu sobremodo ao longo dos séculos uma colónia de pescadores e não um povoado de varões ilustres no campo das ciências e das letras. Era no entanto uma terra bairrista e laboriosa que tinha em Esposende a sua maior rival.

Desta mediania orgulhosa e alentada António Leite Ribeiro terá sido porventura o fangeiro que mais se distinguiu através dos tempos pelo seu valor mental.

Não devemos pois deixar esquecer nem morrer esta figura de intelectual que nasceu em Fão e entendemos que a melhor maneira de lhe perpetuar a memória será dedicar-lhe uma rua com o seu nome.

Aliás o escritor da Casa de Susã, no breve artigo que lhe dedicou em «O Fangeiro» de 4 de Agosto de 1958, fazia o mesmo apelo e até dava indicações de como poderia ser a placa:

*Rua (ou Praça) de Leite Ribeiro
Professor e Escritor
Fangeiro
1785-1829*

Entendemos que se trata apenas de prestar justiça a quem a merece e estamos certos que a Junta do nosso amigo Luís Viana vai esquecer de onde partiu o recado e tão só satisfazer uma dívida de gratidão há muito retardada.

PASSADO

E

PRESENTE

*Aqui nasci e cresci.
Portanto: fangeiro nato.
Um dia de cá parti,
sendo já um mocetão,
Para só voltar a Fão
Em «vacances» fugidias,
No dizer dos emigrantes,
Por uns três ou cinco dias
Com intervalos distantes.*

*Matar dos meus a saudade
E da escola onde aprendi
Algo do que ainda sei,
Já agora com verdade
Ver amigos que deixei,
Olhar o cais, o cortinhal
Que d'alvos lençóis bordados
Foi outrora o estendal,
No nosso rio lavados.*

*Sem o Paul, frente a Fão
E também poluição
Jamais-podia olvidar
Este Cávado saudoso
Onde aprendi a nadar ...
O seu leito caudaloso
As águas cheias de vida
Na sua leda corrida*

*Do Larouco até ao mar.
Achava mais laborioso
Este nosso Fão d'antanho
E muito mais cuidadoso
Das leiras e seu amanho.
Fartura de tudo havia:
Peixinho fresco a saltar,
Frutas, frangos, vegetais,
Nesta terra se vendia
E do preciso, o demais.*

SÉRGIO MENDANHA

(Continuado da pág. 1)

atrair clientela. Torna-se redundante lembrar que em Fão a natureza foi ubérrima para a prática do desporto. Qualquer desporto.

É imperioso por sua vez que a Câmara se consciencialize que exerce a sua acção numa área rica mas não totalmente enriquecida para a prática de turismo e que todas as iniciativas que visem o fomento da terra devem

EDITORIAL

ser de pronto acarinhadas e ajudadas. As fofoquices que antecederam a abertura de um salão de chá na vila fangeira têm que ser definitivamente banidas. As míseras e desencorajantes exigências que obstaram a que Fão deixasse de possuir a melhor escola de equitação do Norte do País deslustram a Câmara que as formulou.

Ofir ou Fão (não percam tempo com isso) podem vir a ter um centro de estágio modelar. Isso dependerá só da vontade e do discernimento dos homens da região.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Entre o pinhal e o mar, frente ao estuário do Cávado, em Ofir. Aproveite para conhecer o Minho, a beleza das suas paisagens, os costumes ancestrais e hospitaleiros do seu povo, desfrutando do ambiente calmo e confortável do Hotel do Pinhal.

Local ideal para os que, em viagem, desejam uma noite repousada.

Preços especiais Outono/Inverno

Por dia e por pessoa, em alojamento e pequeno almoço, 1.250\$00

Fins de semana de Outono, por pessoa, 2.950\$00

inclui:

sábado - jantar dançante c/conjunto na boite e alojamento
domingo - pequeno almoço e almoço buffet no grill panorâmico
Crianças até 12 anos - 50% desconto

Salões equipados para Congressos até 500 pessoas, sem aumento de preço

Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

ASSEMBLEIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Realizou-se no domingo, dia 31 de Março, uma Assembleia Geral de Irmãos tendo comparecido bastantes senhoras, alguns (poucos) irmãos residentes na nossa terra e ainda vários confrades de Fonteboa e Apúlia.

A reunião decorreu na sala da Direcção (muito acanhada para o acto) tendo comparecido bastantes senhoras, alguns (poucos) irmãos residentes na nossa terra e ainda vários confrades de Fonteboa e Apúlia.

Presidiu Abel da Costa e apresentou as contas da gerência de 1984 o respectivo tesoureiro, Joaquim Neves. As despesas atingiram a elevada quantia de quarenta mil contos (Infantário incluído) cobertos por participações oficiais, alguns donativos, receitas próprias e outras receitas resultantes da prestação de serviços.

Foi trazida à colação e demoradamente discutida a importância de 1.600 contos adiantada (segundo o Provedor) por Manuel Nascimento (Maciel) e que se destinava à compra de um pinhal da Bonança, doado por D. Almerinda Casanova, e que não se efectivou em virtude o Estado ter avaliado a referida propriedade em sete mil contos. Manuel Nascimento recorreu aos tribunais, pois entendia que o pinhal lhe pertencia (por dois mil contos); o pleito foi-lhe desfavorável quanto ao direito de propriedade (o terreno mantém-se na posse do Hospital) e ficou por decidir, ainda pelos tribunais, a quantia que o Maciel terá a receber, isto é, os referidos 1.600 contos e aquilo mais que o Meŕetíssimo juiz decidir. Foi esta a ideia com que ficamos em face da

exposição do Provedor, Celestino Cubelo de Moraes, sobre o assunto. Não é esta a tradução dos factos apresentada por Manuel Nascimento, mas nós aqui estamos a relatar o que se passou na Assembleia. De resto as contas foram aprovadas por unanimidade.

Falou-se ainda do Infantário. Informou o Provedor que o edifício do Infantário vai começar no próximo mês

de Julho. O Estado participou com 50%; a Santa Casa terá de entrar com o restante, uma vez que a Câmara e a Junta de Freguesia furtaram-se a qualquer ajuda. O custo total das obras está orçado em 24 milhões de escudos.

Abel da Costa, falou por último do serviço de atendimento permanente no Hospital a que nos referimos noutra local.

Festas do Senhor de Fão

Estamos mais uma vez em plenos festejos do Senhor de Fão. A chuva constituiu desde sempre uma ameaça permanente mas nem por isso o entusiasmo esmoreceu, sobretudo com as marchas.

Dois números vieram enriquecer as festas deste ano. Referimo-nos à 1.ª Maratona «Covado Verde» e à Feira de Antiguidades que estão a despertar entre os locais um certo entusiasmo.

São os seguintes os membros da briosa Comissão de Festas:

Carlos Francisco da Costa Palma Rios, Arménio Silva Graça, Augusto dos Santos Araújo, João Manuel Rodrigues Barcelista, Paulo Alexandre Carvalho do Vale Miranda, Inácio José Felgueiras Palmeira, Marco Aurélio da Silva Fonseca, António Barbosa Rodrigues e Manuel Joaquim Cardoso de Sousa.

Serviço de atendimento permanente no Hospital

Pela Mesa do Hospital de Fão foram feitas diligências junto dos clínicos que moram em Fão com vista a obter-se um serviço de atendimento permanente durante as vinte e quatro horas do dia.

Nesse sentido foram contactados os drs. Carvalho Matos, Veríssimo, José Albino, D. Zélia Mota e D. Margarida Reis Saraiva que entre si e rapidamente estabeleceram um consenso sobre a pretensão acima indicada. Assim, nos dias úteis da semana passaram a existir três horários de consultas compreendidos entre as 9,30 e as 12,30, 14 e 17 e ainda entre as 17 e as 20 horas. Para os sábados, domingos e restantes horas da semana ficou assegurada um serviço de assistência por chamadas. A clínica no Lar da Terceira Idade ficou assegurada pelo dr. Veríssimo.

Não há dúvidas que a iniciativa empreendida pela Santa Casa da Misericórdia veio colmatar uma lacuna grave no serviço hospitalar da terra.

Esperamos só que não existam falhas nem motivos de desencanto para os utentes do nosso hospital após este grande esforço levado a cabo pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

CARTAS

AO DIRECTOR

Saudações

Eu soube por alguém que havia um «NOVO jornal FANGUEIRO» e incontinentemente pedi ao meu primo Né Glória, do Porto, para me mandar o mesmo para eu ler. Antigamente, por volta de 1939, quando inúmeros fangueiros moravam em Olaria, aqui no Rio de Janeiro, não precisávamos de jornal, embora houvesse ainda «O Covado», para ter notícias de Fão. Em Olaria viviam muitos fangueiros, e cada um, quando recebia cartas, procurava o outro para lhe dar as boas e más notícias. Mas tudo mudou e hoje poucos fangueiros ainda vivem em Olaria porque os velhos foram acabando, os novos foram mudando e as cartas foram escasseando.

Mas agora, passados quase um ano, o Né me mandou os 10 números do «O Novo Fanguelro» e esta semana rell todos e fiquei actualizado com as coisas de Fão.

Gostei imenso das fotos antigas no aniversário dos Bombeiros, porque trouxe-me saudosas recordações, porque foi a última imagem que trouxe de Fão. Em 1926 eu

tinha 8 anos e nos lembramos muito bem das cenas da sua inauguração, principalmente as de salvamento de pessoas num incêndio imaginário, que teve por local a casa da D. Sorinha, onde agora existe a «Rita Fanguelra» e que até hoje vivem em nossa mente. Depois viemos para o Brasil em Julho de 1927 e só pudemos rever Fão em 1970, isto é 43 anos depois e seguidamente em 1977, 80 e 82.

Desejo, não só aos Fundadores, Directores e Proprietários o melhor êxito nesta missão que assumiram de serem o porta voz do que se passa na vida de Fão, sem levar em conta os obstáculos e mal-entendidos que vão encontrar, como aconteceu com os seus antecessores.

De nossa parte, os parabéns por essa iniciativa, pois através do vosso jornalzinho espero ficar a par das novidades de Fão, já que a cada dia a nossa comunidade aqui no Brasil vai diminuindo cada vez mais.

Com os nossos abraços, atenciosamente

ARMANDO CARAMALHO

MOSTRA DE ANTIGUIDADES

Integrada nas Festas da Vila de Fão vai estar exposta no Salão Nobre da Associação dos Bombeiros Voluntários, nos dias 13 e 14 de Abril uma Mostra de Antiguidades com um recheio precioso pertencente às casas mais antigas da nossa terra.

Temos conhecimento que em Fão existem espécimes muito curiosos de modo que esta Mostra está a ser aguardada com certa curiosidade.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Então como vai esse colesterol desde o mês passado? Continua a trepar, o atrevido? Vamos já «castigá-lo» com mais umas coisas gostosas...

Visto que os nutricionistas nos elogiam tanto os vegetais, em detrimento da carne e do peixe, como estando na base de uma longa e saudável vida, optamos por uma receita vegetariana, para que todos vivam muitos e bons anos... na companhia do colesterol!...

CROQUETES DE CENOURA

Cenouras — meio quilo.

Pão — um.

Cozem-se as cenouras e passam-se pelo «passe-vite». Amolece-se o pão em água e passa-se também pelo «passe-vite». Junta-se tudo.

À parte, faz-se um creme grosso (com leite, farinha e margarina), que se junta à massa já obtida.

Tempera-se então a massa com sal, pimenta e sumo de limão. Deixa-se arrefecer e formam-se os croquetes, que se passam por ovo e pão ralado e se fritam.

Como estão a ver, é fácil, de confecção rápida e resultam muito saborosos.

Espero que gostem e que gostem tanto, que façam a receita em duplicado, isto é, com 1 Kg. de cenouras e 2 pães! Vamos lá a ver. Combinado?

E agora, a sobremesa:

CREME DE LARANJA

Açúcar — 250 gramas.

Gemas — 8.

Claras — 4.

Laranjas — 4.

Leva-se ao lume o açúcar, as gemas, e o sumo das laranjas, mexendo sempre até levantar fervura.

Deixa-se esfriar um pouco e junta-se-lhe então as claras batidas em castelo.

Leva-se ao lume, mexendo sempre, para não pegar, e levantando fervura, está pronto. Serve-se de preferência em taças de vidro ou louça.

Simples, rápido, e uma delícia! Experimentem e depois me dirão!

Até à próxima, se Deus quiser, e...
BOM APETITE!

Tia Mariquinhas

Agradecimento

Mário dos Santos Ferreira vem por este meio agradecer publicamente todas as provas de solidariedade que lhe foram prestadas pelo falecimento de seu Pai ocorrido em Queluz no mês passado.

A todos testemunha o seu muito obrigado.

CLASSE TRANSPLANTADA DE APÚLIA

Regressou no dia 5 deste mês a Apúlia uma «classe transplantada» da Escola n.º 2 daquela freguesia, procedente de Bordeus que ali permaneceu durante 11 dias, a convite do Maire daquela municipalidade, o conhecido homem público Chaban Delmas que foi Primeiro Ministro no tempo de De Gaule.

Compunham a comitiva 25 crianças de ambos os sexos que foram acompanhadas de sua professora, D. Laurentina Torres e ainda de mais algumas professoras acompanhantes, da Delegada Escolar do Concelho de Esposende e da Esposa do Governador Civil de Braga que foi portadora de missivas de seu marido para o Cônsul Geral de Portugal e para o Maire daquela cidade francesa.

Esta visita foi por assim dizer a retribuição de uma outra feita em Maio de 1984 pela classe de 31 alunos do Terceiro ano de escolaridade de L'École Publique Mixte Des Minuts — Bordeus a terras de Apúlia.

A caravana apulense foi muito bem recebida em terras de França estabelecendo-se assim laços de amizade entre crianças de Apúlia e crianças francesas que deviam estender-se para outras áreas.

Jacques Chaban Delmas endereçou um convite ao Presidente da Câmara de Esposende que ali se deslocou propositadamente no dia 29 de Março onde foi obsequiado com um almoço oficial.

A GUARITA

Rerecebos o mensário «A Guarita» que se edita em Vila Cova e apresenta como Director Celestino Dias da Costa.

O n.º 29 pareceu-nos bem colaborado e bem paginado.

Fazemos votos para que mantenha o mesmo nível em números futuros.



o que é bom da natureza

IMPORTANTE MELHORAMENTO

O dr. Carvalho Matos e José Teixeira são duas novas e excelentes aquisições de Fão. Não vem integrar a equipa de futebol (são no entanto directores) mas ambos fazem parte da equipa dos fangueiros empreendedores e laboriosos.

Independentemente dos seus «metiers», constituiram uma sociedade que vai dotar a nossa terra de uma série de «gaivotas» que vão ser destinadas ao rio e ao mar para desfrute dos amigos dos desportos náuticos.

Gaivotas a que os franceses chamam *pedôles* são barcos que se movem a pedais. Já os vimos no Algarve e na Pateira de Fermentelos. Eram de madeira e ferro. Estes são de fibra de vidro e o seu custo unidade anda à volta dos cem contos quando comprados em quantidade.

Trata-se de um passatempo agradável e que dará uma maior animação ao rio e à praia sem que as águas fiquem com gosto a gasolina. A princípio serão colocadas 6 gaivotas podendo o seu número subir até 12.

A nova dupla de empresários revelou «olhinhos» e parece que os seus projectos não vão parar aqui.

SANEAMENTO EM FÃO

As obras de saneamento em Fão já começaram e são motivo de contentamento para todos. A freguesia começa a ser pequena para o número de habitantes e o recurso será a construção de casas em altura. Só que os andares não poderão ser muito elevados por causa do problema dos esgotos, ou seja o problema do saneamento.

Agora tudo se resolverá. No entanto esgotos são esgotos, não se volatizam no ar e conquanto o saneamento racionalize a condução dos esgotos, estes terão de ir para algum lado. Para onde?

Numa terra de turismo o problema de saneamento é altamente sensível. Veja-se o que aconteceu ao Algarve o ano passado.

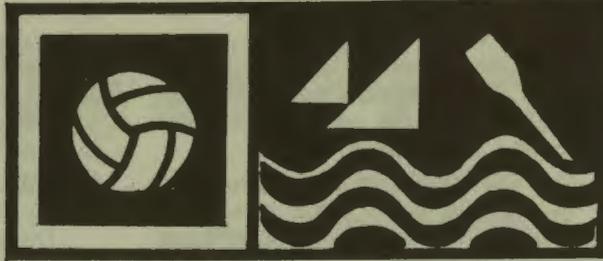
Entendemos que o sistema de leitos percoladores será o mais indicado pelo seu menor custo (em relação aos outros) e pelo pouco trabalho de manutenção e ainda pelo reduzido consumo eléctrico.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL

DESPORTO



Fão de Antigamente

FÃO PRAIA F.C.

Esta equipa foi a precursora do F. C. Fão.

Eis os seus nome:

De pé: Neca d'Areia (dirigente), Albertinho, Costa, Quim Xiquita, Júlio Monteiro, Zéca Barqueiro, Mané do Pau, Tião, Abel Torres e Ilídio Mendanha (dirigentes). Sentados: Broa, Isaltino, Eurico, Néné e Adelino.



1.ª Maratona "Cávado Verde"

Integrada nos festejos do Senhor de Fão vai realizar-se no próximo dia 14 de Abril a 1.ª Maratona de Canoagem «Cávado Verde». O percurso que tem uma extensão de 22 quilómetros com início em Fão, segue até à 1.ª açude em Fornelos, volta até à foz do rio e termina de novo em Fão.

Esta prova faz parte do calendário da Federação Portuguesa de Canoagem e nela já se inscreveram as melhores equipas portuguesas da modalidade. Haverá ainda uma prova complementar de oito quilómetros para iniciados.

O Clube Fãozense (secção de Canoagem) ao organizar estas provas tem em vista por um lado sensibilizar as camadas mais jovens para a prática de desportos no rio; ao mesmo tempo procura dar a conhecer ao maior número de pessoas as riquezas paisagísticas e as delícias do rio Cávado.

Para Fão a prática da canoagem tem ainda o mérito de tornar os canoistas grandes amigos do rio Cávado e como tal os seus principais contra a poluição e ainda contra a pilhagem desenfreada das espécies piscícolas.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva

Dr.ª Maria Emília Corte-Real

Tia Mariquinhas

Cecília Palção Amorim

Maria José Barra Reis

Quim Muata

Ugodl

Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão

Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA

Praça João XXIII — Telef. 60318

4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fanguelro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Ecologia em acção

No edifício da Casa de Cultura de Esposende foi inaugurada mais uma exposição que desta vez tem por tema «Ecologia em Acção».

A série de quadros expostos incide sobre os principais problemas que afectam o ordenamento do território e a conservação dos recursos naturais; num mundo em contínua explosão demográfica (em 1931 éramos 2000 milhões; em 2031 seremos 8000 milhões) com recursos limitados e problemas de poluição num crescente aterrorador impõe-se ao homem de hoje preservar o presente e acautelar o futuro.

Esta exposição tem, parece-nos, o fim de consciencializar as pessoas para os problemas que afligem o mundo actual e que podem conduzir à extinção da vida sobre a terra.

Devia, por isso, constituir uma visita obrigatória e um momento de reflexão.

Feliz iniciativa da Casa de Cultura de Esposende.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

CAZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

Da minha



varanda

por ZINHA

Este ano, quase nem dei por ele, pelo Carnaval ...

Mas houve. Muita gente se divertiu, muita gente folgou, muita gente recordou.

Eu também recordei — outros carnavais, outras brincadeiras e longe, lá longe dois carnavais da minha infância, tão diferentes, tão simples e que eu nunca mais esqueci.

Era eu pequena. Tinha um bocado de medo dos «entrudos», mas gostava de sentir aquele alvoroço, aquela quantidade de gente toda atrás deles. Ai que eu só queria ir também!... Ganhar força, perder o medo e ... escapar de casa. De cima, da janela eu apreciava aquele espectáculo — fantasiados com um pano de renda ou de tule, branco, na cara, chapéu na cabeça, depois ou uma gabardine ou sobretudo, mas mal arranjados, uns panos a cair de qualquer lado pareciam umas tripas. Geralmente tinham sempre uma corcova (não sei porquê, mas era da praxe), um pau ou bengala na mão e às vezes carregavam ainda um pote (penico) do qual

não sabia também o significado. Havia também muita predilecção por se vestirem de soldados. Quando se fantasiavam de mulheres, eram quase sempre vestes de noivas ou, pós-noivas, no seu estado interessante ...

E muita canalhada atrás, percorrendo as ruas da nossa terra, e aquilo é que era festa! Esalfavam de tanto acompanhar em voz alta:

Entrudo, rabudo
Cabeça de burro.
À noite e à ceia,
Canada e meia!

Um dia, também fui.

Antes, «vesti-me». Não para me juntar a eles, tinha medo e vergonha, mas para fazer parte do acompanhamento. Sozinha, e depois de muito matutar, fui buscar a farda da Mocidade Portuguesa, do meu irmão mais velho! Enfie a blusa verde, os calções (as pernas logo arepiadas) e por fim, cabelo todo apanhado, bivaque em cima!

Aí estava eu! Parecia mesmo um rapaz e bem posto.

Sáí. Logo apanhei um grupo, introduzi-me e segui caminho. Gostei, só que em todas «as capelinhas» os entrudos iam molhar a palavra e a gente ficava cá fora, à espera. Em gíria dos jovens de hoje, aquilo era mesmo «uma seca» ...

Finalmente, saíam. As bocas cada vez mais desenhadas, nos panos que já nem bem brancos eram.

E lá eu endireitava a farda, pronta para outra etapa. E começava a cantoria. Mas a rapaziada era marota e tinha por costume atirar «troços» para cima dos entrudos e assim aconteceu nesse dia. Os entrudos, furiosos, às ve-

zes com a cabeça atordoada voltavam-se e corriam em cima de qualquer um, atiravam até os paus ou bengalas. Tudo fugia, mas eu como não estava bem metida no esquema e como não tinha feito mal nenhum, ficava quieta. De certeza que eles tinham respeito pela farda, olhem que passavam e não me tocavam!

De outra vez, aí sim, nesse ano é que foi importante.

Eram três homens de Fão. Hoje um ainda vivo em idade avançada, outro ausente e o outro falecido há alguns anos. Tinham vindo estes dois últimos do Brasil e aquilo, para mim, foi autêntico Carnaval do Rio!...

Os três, vestidos parece-me que de roupões de tecidos fulgurantes, tipo oriental, todos caiados e pintados, cheios de colares, pulseiras, brincos e turbantes. Nas mãos, os leques com que se iam abanando, ao mesmo tempo que cantavam:

«Ai qui mulher bonita»
Ai qui mulher formosa
S'eu agarro esse diabo.
Ai que noite senerosa ...

E tudo respondia: Ai qui calô-ô-ô-ô-ô-ô-ô ...

Aquilo sim, aquilo é que foi Carnaval! Eles dançavam, eles cantavam, eles cumprimentavam e abraçavam as pessoas que se iam juntando a ver passar aquele cortejo. Não sei o que era aquilo da noite «senerosa». Hoje penso se o diziam por brincadeira, mas o certo é que era assim que diziam e eu nunca mais o esqueci.

Alguém, desse tempo, se lembrará?

Acho, que quem como eu viveu isto, ainda hoje sentirá aquele calô, ô-ô-ô, ô-ô-ô ...

O Mundo em que vivemos

FIM DE TARDE

Foi ao fim da tarde, naquela hora transcendente, intermédia entre o dia e a noite.

Um brusco puxão na manga do casaco arrancou-nos à abstracção habitual. Olhámos, intrigados. Dois enormes olhos esverdeados, luziam num rosto miúdo e enfaruscado, erguido para nós. — «Tenho fome» — quase segredou; e, receoso de não ter sido escutado, repetiu: — «tenho fome», em tom já mais elevado.

Parámos, com indecisão. Dar dinheiro a crianças sempre nos preocupou, sempre nos causou receio. O garoto aguardava, expectante. Fez-se um silêncio pesado, tenso.

Então, deu-se o milagre: o garoto sorriu. Duas fiadas de dentes, inesperadamente brancos, iluminaram-lhe o rosto magro e sensível, e a tensão desfez-se.

No nosso saco havia ainda um pão e uma maçã, despojos de inacabada merenda. Estendêmo-los ao miúdo. Avidamente agarrou-os, e logo devorou o pão, deliciado. Depois, esfregou a maçã na manga do casaco surrado, meteu-a no bolso dos calções e disse: — «É para a minha irmã pequenina». E, à laia de justificação, acrescentou: — «Esta semana tivemos um fogo lá em casa. Foi ela, a brincar c'os fósforos».

Sorriu de novo, os olhos brilhantes. Subitamente, desatou a correr, sem qualquer despedida.

Seguímos com os olhos a figura franzina, em breve engolida pela multidão. Suspirámos e sorrímos. Era como se tudo se tivesse animado à nossa volta.

A noite descia, negra e brilhante. O verde das árvores era mais profundo, o perfume das tilias era mais intenso. O ruído da cidade era mais atenuado.

E tudo, afinal, só porque uma criança sorria, abrindo relâmpagos de claridade na luz difusa e branda daquele entardecer.

E. REAL

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO